

O mercado de trabalho e as diferenças socioeconômicas e regionais dos moradores de Belo Horizonte: Notas de um estudo evolutivo intra-municipal pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), na década de 2000*

Mario Marcos Sampaio Rodarte^{*}

Eduardo Miguel Schneider^{**}

Lúcia Santos Garcia^{***}

Maria de Fátima Lage Guerra^{****}

Resumo

A proposta desse estudo é apresentar dados dos movimentos do mercado de trabalho do município de Belo Horizonte, em nível intra-municipal, ao longo da década atual, que foi um período marcado pela gradual recuperação da maioria dos indicadores do mercado de trabalho. Com essa desagregação espacial, fruto da utilização de uma metodologia que permite o estudo por áreas homogêneas, busca-se avaliar se essas transformações recentes do mercado de trabalho acentuaram ou atenuaram as diferenças socioeconômicas e regionais pré-existentes, ao final da década de 1990. Como resultado, observou-se, de um lado, que a melhora de vários aspectos do mercado de trabalho incidiram, principalmente, nas áreas mais sujeitas ao risco de exclusão social.

Palavras-chave: dinâmica do mercado de trabalho, vulnerabilidade social, análise intra-municipal, Belo Horizonte, década de 2000.

* Trabalho apresentado no XIII Seminário sobre a Economia Mineira, realizado em Diamantina – MG – Brasil, de 26 a 29 de agosto de 2008. O presente estudo foi produzido no âmbito do convênio entre a Prefeitura de Belo Horizonte e o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

* Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

** Economista (UFRGS), especialista em Gestão Pública Participativa e coordenador regional da PED-RMPA, pelo DIEESE. E-mail: ems@dieese.org.br.

*** Economista e coordenadora geral do Sistema PED, pelo DIEESE.

**** Mestre em Economia (Cedeplar/UFMG) e supervisora técnica do ER-MG/DIEESE.

O mercado de trabalho e as diferenças socioeconômicas e regionais dos moradores de Belo Horizonte: Notas de um estudo evolutivo intra-municipal pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), na década de 2000*

Mario Marcos Sampaio Rodarte^{*}

Eduardo Miguel Schneider^{**}

Lúcia Santos Garcia^{***}

Maria de Fátima Lage Guerra^{****}

Introdução

A proposta desse estudo é caracterizar os movimentos do mercado de trabalho do município de Belo Horizonte, em nível intra-municipal, ao longo da década atual, que foi um período marcado pela gradual recuperação da maioria dos indicadores do mercado de trabalho, como a redução do desemprego, o crescimento da formalidade, e mais recentemente, pela majoração dos rendimentos do trabalho. Para tanto, procurou-se confrontar os dados regionais mais recentes com os do final da década passada, época em que todos os efeitos da crise econômica dos 90 já estavam refletidos nos principais indicadores do mercado de trabalho local.

Além da forma de abordagem sobre mercado de trabalho própria da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), contribuiu para a escolha dessa pesquisa, para o presente estudo, o fato da PED constituir na única forma de levantamento permanente e sistemático de informações que permite o nível de detalhamento espacial requerido, mediante aplicação da metodologia aqui apresentada. Com efeito, busca-se neste estudo, dar continuidade ao esforço de análise do mercado de trabalho intra-municipal contido no artigo de Machado (2002), quando se apresentou, pela primeira vez, os dados da PED desagregados pelas regiões administrativas e pelos tipos regionais do município da capital, no início da década atual.

A principal pergunta que o presente texto visa responder, em última instância, é como a melhora do mercado de trabalho refletiu nos diversos espaços do município e qual a sua relação com os níveis de exclusão social? A dinâmica do mercado de trabalho propiciou a redução ou ocasionou o agravamento das diferenças sociais e regionais? Para responder a essas e outras questões inerentes ao tema, a primeira seção do estudo apresenta, brevemente, os principais aspectos metodológicos referentes ao tipo de investigação realizada, e no segundo item, os mais importantes resultados encontrados ao nível das regiões administrativas do município. Na terceira seção, são abordados, de forma mais detalhada, os principais indicadores de mercado de trabalho intra-municipal. Na sequência, o texto finaliza com algumas considerações finais.

1. Aspectos metodológicos

O plano amostral da PED, em sua gênese, foi delineado para permitir a compreensão da estrutura e da dinâmica temporal do mercado de trabalho metropolitano como um todo. Nesse

* Trabalho apresentado no XIII Seminário sobre a Economia Mineira, realizado em Diamantina – MG – Brasil, de 26 a 29 de agosto de 2008. O presente estudo foi produzido no âmbito do convênio entre a Prefeitura de Belo Horizonte e o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

* Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

** Economista (UFRGS), especialista em Gestão Pública Participativa e coordenador regional da PED-RMPA, pelo DIEESE. E-mail: ems@dieese.org.br.

*** Economista e coordenadora geral do Sistema PED, pelo DIEESE.

**** Mestre em Economia (Cedeplar/UFMG) e supervisora técnica do ER-MG/DIEESE.

sentido, originalmente, não seria possível a desagregação intra-regional dos indicadores. Para vencer essa dificuldade, o DIEESE realizou um estudo estatístico, através de uma série de regressões no programa PC-CARP, no intuito de verificar o número mínimo de observações que permitiria a divulgação de cada indicador do mercado de trabalho. Com base nesse primeiro esforço de desagregação da base estatística de microdados para níveis intra-regionais, definiu-se que seria necessário a conformação de uma amostra bianual para a extração dos principais indicadores do mercado de trabalho (Machado, 2002).

Procedeu-se, a princípio, o estudo do mercado de trabalho intra-regional de BH em nível de suas nove regiões administrativas – Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova. Revelou-se, por sua vez, que essa regionalização ainda conservava alguma heterogeneidade de suas populações acerca de suas condições de vida e inserção no mercado de trabalho que dificultava a inferência de um perfil genérico e homogêneo para a totalidade cada região administrativa, não obstante permitisse, em nível genérico, comparações entre as regiões administrativas úteis a gestão estatal interessada em pensar políticas públicas para a municipalidade. (Machado, 2002)

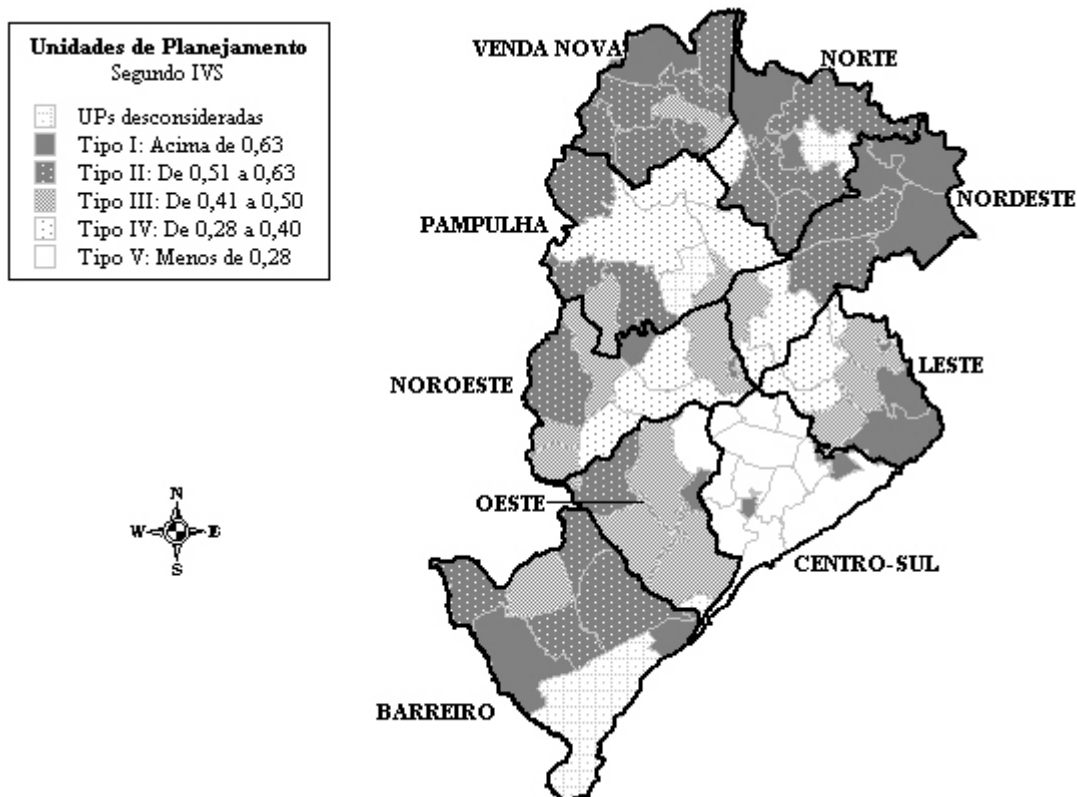
Tal obstáculo foi contornado, tal como apresenta Machado (2002), adotando-se uma forma alternativa de tratamento das informações espaciais, que consistiu no agrupamento de unidades menores – isto é, das Unidades de Planejamento (UPs) – segundo critérios de homogeneidade socioeconômica. Nesse sentido, foram definidos cinco agrupamentos de UPs, formando os denominados cinco tipos regionais, fruto da hierarquização das áreas das UPs segundo o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) ao processo de exclusão, definido no Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte (2000: 11-14). Constituíram-se portanto conjuntos de unidades espaciais com as mesmas características que prescindiam, entretanto, da contiguidade territorial do espaço. Assim, através da síntese de vários atributos da população das UPs em um atributo genérico – qual seja, o IVS – garantiu-se, através da abordagem alternativa de regionalização pelos tipos regionais, a homogeneidade espacial que permitiu, por sua vez, a divulgação de um número maior de indicadores com a amostra existente bem como a construção de uma melhor expressão da segmentação do mercado de trabalho a partir do local onde o trabalhador reside.

O IVS, construído com metodologia social participativa, apoio técnico-científico acadêmico e dados primários de fontes diversas, pondera o acesso médio da população de BH a cinco “dimensões de cidadania” agregados em variáveis e em indicadores, são elas: 1) Dimensão Ambiental (acesso a condições de moradia e a infra-estrutura – peso 0,23); 2) Dimensão Cultural (acesso a educação formal – peso 0,18); 3) Dimensão Econômica (acesso a ocupação formal e a renda – peso 0,27); 4) Dimensão Jurídica (acesso a assistência jurídica privada – peso 0,08); e 5) Segurança de Sobrevivência (acesso a serviços de saúde e a previdência social e garantia de segurança alimentar – peso 0,24). (Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte, 2000).

Como mencionado no Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte (2000: 07) “Para o IVS, que representa a vulnerabilidade social, a escala é invertida: índices maiores refletem situações de vulnerabilidade social mais intensa”. Desse modo, foram criados os cinco tipos regionais em razão de sua vulnerabilidade: Tipo I (vulnerabilidade alta), Tipo 2 (média alta), Tipo 3 (média), Tipo 4 (média baixa) e Tipo 5 (baixa) (Machado, 2002).

Para se combinar e comparar metodologicamente as duas abordagens espaciais, o Mapa 1 ilustra a superposição entre as regiões administrativas e os tipo regionais. A análise do mapa atesta, de um lado, a prevalência quase absoluta de UPs de baixa vulnerabilidade social no Centro-Sul e Pampulha, embora com alguns bolsões de população vulnerável; e de outro, a prevalência de tipos regionais mais vulneráveis (I, II e III) nas regionais do Norte, Venda Nova, Nordeste e Barreiro, sobretudo.

Mapa 1 – Regionais e classificação das UPs em tipos regionais, segundo hierarquização do IVS – Belo Horizonte

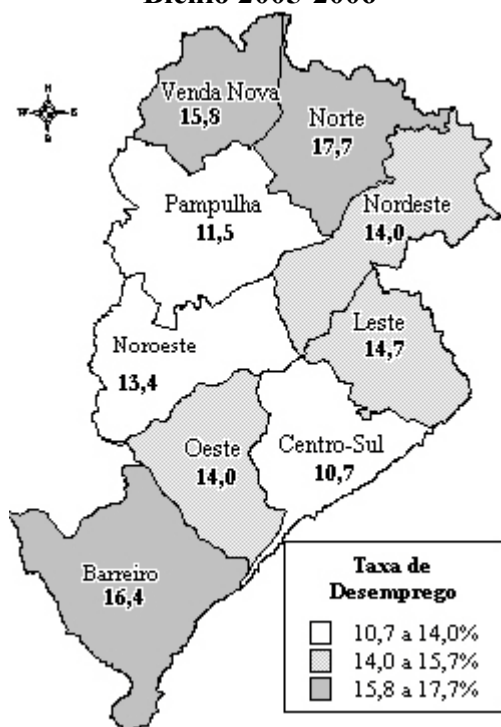


Fonte: Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte (2000: 11-14).

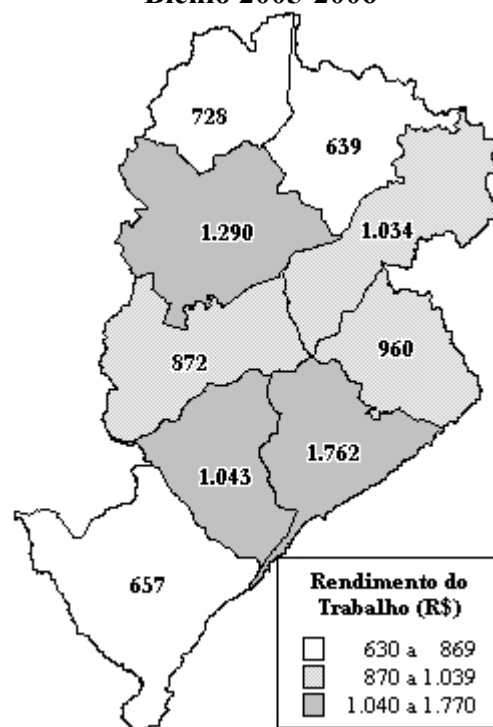
2. O mercado de trabalho em Belo Horizonte e em suas regiões administrativas

Com população em idade ativa (PIA) estimada em 2,1 milhões, em 2006 (DIEESE, 2007), o mercado de trabalho do município de Belo Horizonte (BH) apresentou indicadores bastante divergentes entre as suas nove regiões administrativas. Nos últimos dois anos, as regiões do Centro-Sul e Pampulha se destacavam por apresentar as taxas de desemprego mais reduzidas e os rendimentos médios do trabalho mais elevados, ao passo que as regiões do Barreiro, Venda Nova e Norte colocavam-se em situação oposta, ao apresentarem as taxas de desemprego mais elevadas e os menores rendimentos, nos últimos dois anos, pelos Mapas 2 e 3.

Mapa 2 – Taxa de desemprego total Regionais de Belo Horizonte Biênio 2005-2006



Mapa 3 – Rendimento médio real dos ocupados – Regionais de Belo Horizonte Biênio 2005-2006



Fontes dos dados básicos: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH.

Nota: Rendimento em reais de novembro de 2006. Inflator utilizado: IPCA-BH (IPEAD).

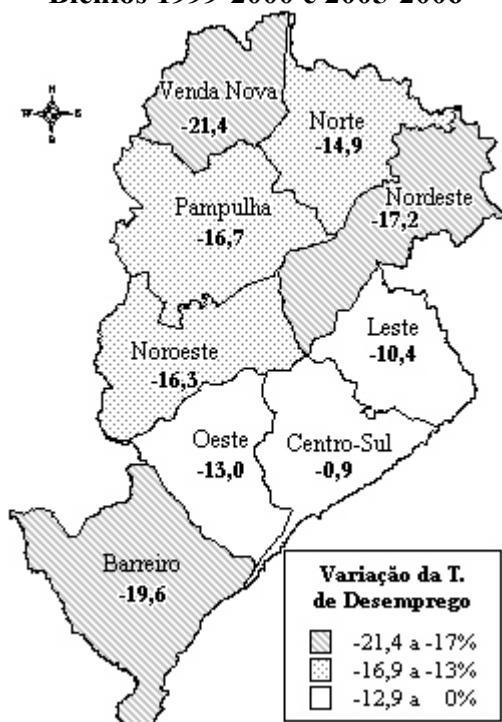
O trabalho de Machado (2002: 17) já havia identificado grandes disparidades entre os indicadores do mercado de trabalho de cada região, no início da década de 2000, como era o caso da larga amplitude das taxas de desemprego, que iam de 10,9%, no Centro-Sul, a elevados 20,7%, na região Norte¹. Daquele momento até os anos recentes, o mercado de trabalho seguiu uma tendência de melhora moderada, expressa, principalmente, pela retomada do crescimento das ocupações, em especial, no setor formal².

Apesar de se perceber ainda grandes diferenças entre as taxas de desemprego entre as regionais, observa-se, que ao longo da década, houve um movimento de redução das assimetrias, uma vez que a diminuição do desemprego ocorreu de forma mais intensa nas regiões administrativas onde as taxas apresentavam-se, inicialmente, mais elevadas (Mapa 4).

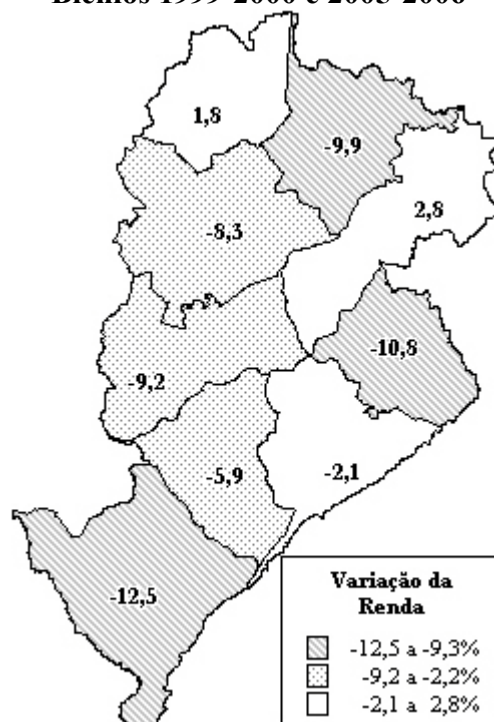
¹ Mesmo nas regiões onde o desemprego era menor, as taxas apresentavam-se muito elevadas, em relação aos anos anteriores. No livro sobre a Situação do Trabalho no Brasil, do DIEESE (2001), tem-se uma circunstanciada caracterização da crise do mercado de trabalho no final da década de 1990.

² Essa visão é compartilhada por Carlos Ramos, que analisando o mercado de trabalho metropolitano com dados da PME-FIBGE, entre 1990 e 2002, apontou quebra da curva de crescimento do emprego formal, em 1999, e concluiu que “Uma atenta leitura do acontecido nos anos 1990 nos induz a pensar que o pessimismo das elasticidades, muito usual nesses anos, deve ser visto com cautela” (RAMOS, 2003: 14). O trabalho de Chahad (2003), com dados da PED, entretanto, não identifica melhoras no mercado de trabalho após a desvalorização do câmbio de 1999, provavelmente por se ater à região metropolitana de São Paulo, que teve uma recuperação mais lenta que na maioria das demais regiões metropolitanas, nos últimos anos. A maior eficácia da fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego nas empresas, e a mudança de desempenho da Justiça do Trabalho seriam algumas razões institucionais que contribuiriam para o aumento da formalidade e redução dos assalariados sem carteira assinada, segundo Moretto e Krein (2005). Ver também Rodarte e Braga (2005), sobre as reversões de tendência nas regiões metropolitanas analisadas pela PED.

Mapa 4 – Variação da taxa de desemprego Regionais de Belo Horizonte Biênios 1999-2000 e 2005-2006



Mapa 5 – Variação do rendimento real Regionais de Belo Horizonte Biênios 1999-2000 e 2005-2006



Fontes dos dados básicos: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH.

Embora o mercado de trabalho apresentasse melhora, com a diminuição do desemprego, os rendimentos dos ocupados seguiram a tendência de redução, já observada ao longo da segunda metade da década de 1990. Diferentemente do que ocorreu com o movimento de redução do desemprego, a análise espacial desse movimento, pelo Mapa 5 não permite concluir, ter havido padrões distintos de variação da renda conforme o nível de renda pré-existente nas regionias. Dessa forma, se de um lado, os ocupados da região de Venda Nova beneficiaram-se com a majoração de rendimentos de 1,8%; por outro lado, os rendimentos dos ocupados do Barreiro sofreram as retrações mais intensas (12,5%), embora também tivessem baixos rendimentos. O próximo item do presente estudo busca detalhar esses e outros movimentos do mercado de trabalho no interior do município de BH, na busca de mais elementos para a sua compreensão, mediante estudo baseado nos tipos regionais, segundo a vulnerabilidade social ao risco de exclusão.

3. O mercado de trabalho pelos tipos regionais

3.1 Características da população em idade ativa e sua inserção no mercado de trabalho

O nível de instrução da população em idade ativa (PIA) é um dos principais elementos de mensuração da qualidade da oferta de trabalho, efetiva e potencial, e foi um dos aspectos que sofreu transformação ao longo da última década. Em 2005-2006, um número próximo da metade dos ocupados (45,5%) já possuíam, pelo menos o ensino médio completo (Tabela 1). Esse segmento, identificado, grosso modo, como o segmento mais qualificado, manteve-se em crescimento ao longo do período, parte, pelo esforço de escolarização da sociedade, parte pelo processo de envelhecimento. Com isso, o conjunto dos indivíduos em ensino fundamental incompleto, que ainda compõe, isoladamente, a maior parcela da PIA, também constituiu no segmento por nível de instrução que mais retraiu, ao evoluir de 44,4% para

33,9% da PIA, entre os biênios de 1999-2000 e 2005-2006

Nas unidades de planejamento mais vulneráveis – UPs do Tipo I – apenas 22,6% da PIA tinha, pelo menos, o ensino médio completo, o que sugere uma elevada carência de formação educacional nesse segmento mais vulnerável, presente em várias regionais, mas sobretudo na Nordeste, Leste e Barreiro (Mapa 6 e Tabela 1). Ao se considerar os dois estratos imediatamente superiores, segundo o índice de vulnerabilidade social (Tipo II e Tipo III) observa-se acréscimos sucessivos de cerca de 10 pontos percentuais na proporção da PIA com esse nível mais elevado de escolaridade (32,0% e 40,3%, respectivamente). Dessa forma, apesar de relativamente mais escolarizada, os dados ainda apontam deficiência de instrução dessa população, o que obstaculiza uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho.

Tabela 1 - Distribuição da pia, segundo atributos pessoais - Belo Horizonte e tipos regionais - Biênios 1999-2000 e 2005-2006

(Em percentagem)

ATRIBUTO PESSOAL	TIPOS REGIONAIS (CLASSES DE IVS)											
	1999-2000						2005-2006					
	Total (BH)	I	II	III	IV	V	Total (BH)	I	II	III	IV	V
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Faixa etária												
De 10 a 17 anos	17,4	22,3	18,9	17,1	15,3	12,1	14,4	18,4	16,0	15,0	12,5	8,8
De 18 a 24 anos	18,3	20,9	18,6	17,4	16,2	19,6	17,1	18,7	16,6	15,9	16,9	19,1
De 25 a 39 anos	28,3	27,8	30,0	30,0	28,2	22,5	27,5	28,2	29,1	29,2	25,8	23,3
De 40 anos e mais.....	36,0	29,0	32,5	35,5	40,3	45,8	41,0	34,7	38,3	39,9	44,8	48,8
Nível de instrução												
Analfabeto.....	3,5	6,9	4,2	3,8	1,5	1,0	2,8	5,5	3,7	2,8	1,3	0,7
Ensino fundamental incompleto.....	44,4	65,1	54,5	45,6	32,3	15,5	33,9	50,7	42,8	37,6	22,9	11,3
Ensino fundamental completo (1).....	18,8	18,1	21,5	19,8	18,2	13,1	17,8	21,2	21,4	19,3	15,3	8,9
Ensinos médio ou superior completos..	33,3	9,9	19,8	30,8	47,9	70,3	45,5	22,6	32,0	40,3	60,5	79,0
Ensino médio completo (2).....	23,0	9,3	17,3	23,4	32,4	35,2	32,0	21,2	28,1	32,3	39,7	37,4
Superior completo.....	10,3	0,6	2,5	7,4	15,5	35,1	13,5	1,4	3,9	8,0	20,8	41,6

Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG.

Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (1) Inclui ensino médio incompleto; (2) Inclui ensino superior incompleto.

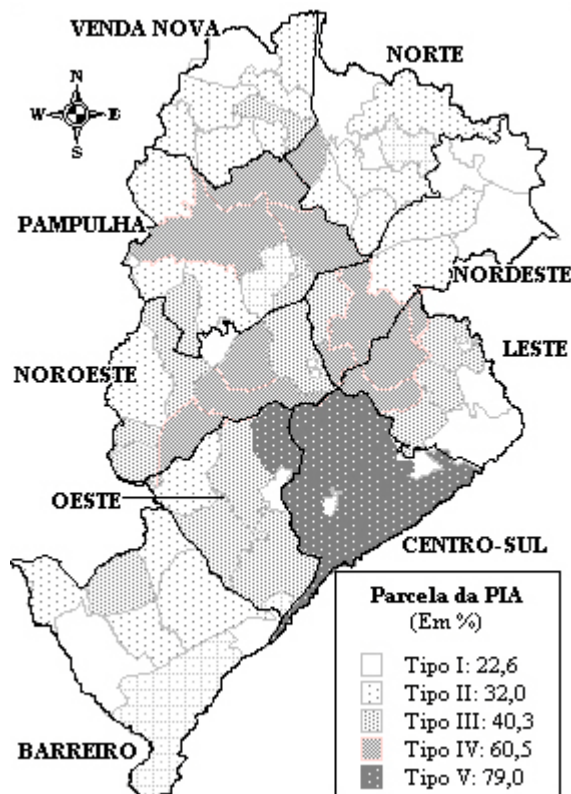
O nível de instrução é uma das cinco dimensões da cidadania tomadas para se avaliar o IVS de cada unidade de planejamento. Por isso, a gradação do nível de escolaridade encontrada entre os tipos regionais, é uma decorrência do método gerador desses agrupamentos, e não causa surpresa. É importante ressaltar, entretanto, que o fenômeno de crescimento do nível de instrução vem se dando em todos os tipos regionais, mas ocorreu de forma mais intensa nas áreas menos escolarizadas, pelo acréscimo da parcela de indivíduos com o ensino médio completo, como ilustra o Mapa 7.

Além da escolarização, ao longo da década atual, a população vem sofrendo outra transformação que também envolve importantes mudanças no mercado de trabalho. Trata-se do processo de envelhecimento da população, o que, via de regra, implica a maior presença de pessoas de terceira idade no mercado de trabalho. Ao longo dos últimos sete anos, a parcela da população em idade ativa (PIA) com 40 anos e mais elevou-se em cinco pontos percentuais, ao variar de 36,0%, no biênio 1999-2000, para os atuais 41,0%, no município. Esse movimento foi concomitante às retrações dos segmentos etários mais jovens da PIA, sendo em três pontos percentuais, para a faixa de 10 a 17 anos, e 1,2 pontos percentuais para aqueles com 18 a 24 anos (Tabela 1).

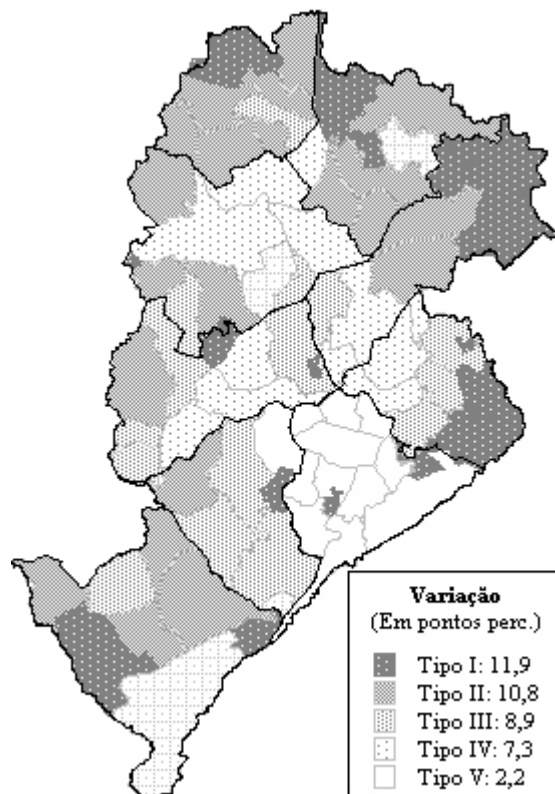
Embora a população nas unidades de planejamento de menor vulnerabilidade social (Tipos IV e V) seja relativamente mais envelhecida (Mapa 8), o processo de envelhecimento, observado na década, tem ocorrido de forma mais intensa nas áreas socialmente mais vulneráveis (Mapa 9). Nas áreas dos tipos II I, por exemplo, enquanto o segmento de 10 a 17

anos diminuía 2,9 e 3,9 pontos percentuais, respectivamente, a faixa de 40 anos e mais ampliava 5,8 e 5,7 pontos percentuais, respectivamente, entre os biênios de 1999-2000 e de 2005-2006.

Mapa 6 – Parcela da PIA com ensino médio completo ou mais – BH Biênio 2005-2006



Mapa 7 – Crescimento da parcela da PIA com ensino médio completo⁽¹⁾ – BH Biênios 1999-2000 e 2005-2006



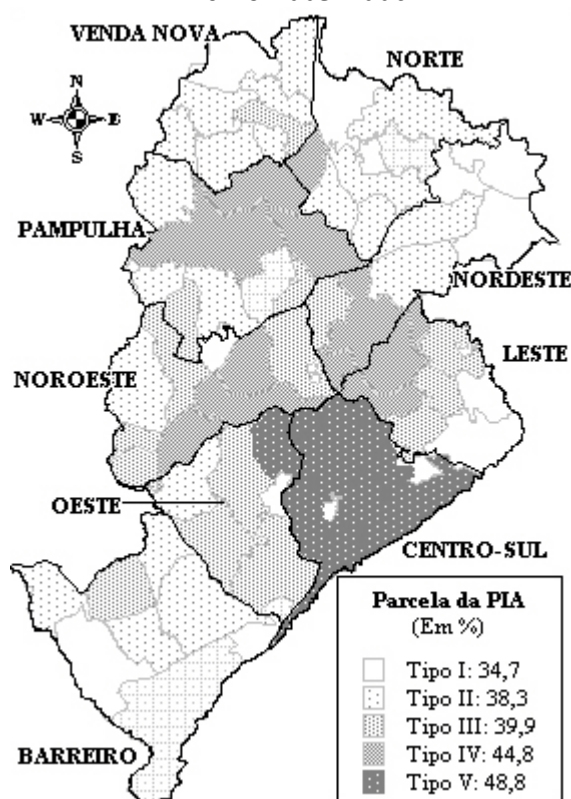
Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (Ver Tabela 1). (1) Inclui ensino superior incompleto.

Quanto à relação da PIA com o mercado de trabalho, observa-se que ao longo do período estudo, houve aumento de sua inserção, de 57,8% para 60,5%, em Belo Horizonte (Tabela 2). Esse movimento refletiu, sobretudo, o crescimento da participação de mulheres (7,4%), dos adultos de 40 anos e mais (5,5%), e dos indivíduos com ensino médio completo ou superior incompleto (4,1%), e foi atenuado, principalmente, pela expressiva saída dos analfabetos (23,9%) e daquele que tinham apenas o fundamental incompleto (7,6%).

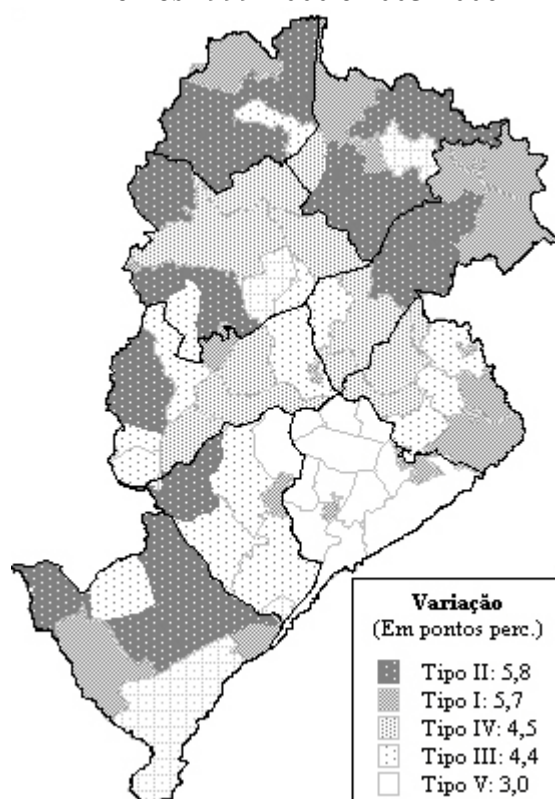
No biênio de 2005 e 2006, assim como no final da década de 1990, os três tipos regionais com IVS mais elevados detinham taxas de participação mais altas que a apresentada para todo o município de Belo Horizonte, reflexo do maior envolvimento da população em idade ativa (PIA) no mercado de trabalho nessas áreas. No tipo regional I, 61,6% da PIA estava inserida no mercado de trabalho, ao passo que no tipo regional V, essa razão encontrava-se em 57,8%, nos últimos dois anos. O crescimento dessa taxa, em BH, ao longo do período, ocorreu em todos os tipos regionais analisados, e esse aumento da taxa variou entre 3,4%, no tipo II e 6,1%, no tipo V.

O maior ingresso de mulheres no mercado de trabalho observado no município foi reflexo, principalmente, da mudança comportamental feminina nas áreas mais vulneráveis (Tipos I, II e III). Já nos tipos regionais com IVS menor, o aumento da taxa de participação ocorreu com intensidade semelhante para ambos os sexos.

Mapa 8 – Parcela da PIA com 40 anos e mais – BH – Biênio 2005-2006



Mapa 9 – Crescimento da parcela da PIA com 40 anos e mais – BH – Biênios 1999-2000 e 2005-2006



Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (Ver Tabela 1).

Tabela 2 - Taxas de participação, segundo atributos pessoais - Belo Horizonte - Biênios 1999-2000 e 2005-2006

(Em percentagem)

ATRIBUTO PESSOAL	TIPOS REGIONAIS (CLASSES DE IVS)											
	1999-2000						2005-2006					
	Total (BH)	I	II	III	IV	V	Total (BH)	I	II	III	IV	V
Total.....	57,8	58,6	59,0	58,3	57,3	54,5	60,5	61,6	61,0	61,2	60,2	57,8
Sexo												
Homens	66,8	67,7	69,2	67,5	65,5	60,5	68,1	68,3	68,9	69,3	68,5	63,9
Mulheres	50,2	50,3	49,7	50,3	50,5	50,1	53,9	55,6	54,0	54,4	53,2	52,8
Faixa etária												
De 10 a 17 anos	16,0	19,9	18,8	15,7	(3)	(3)	16,1	21,4	18,3	16,1	(3)	(3)
De 18 a 24 anos	72,6	78,7	80,1	73,9	69,3	52,0	74,0	83,0	80,9	78,4	69,0	54,7
De 25 a 39 anos	82,3	79,1	80,4	82,6	85,0	85,9	84,7	82,9	83,4	85,5	85,9	86,4
De 40 anos e mais.....	51,3	54,3	50,5	50,5	50,2	52,7	54,1	54,0	53,2	53,6	55,5	54,4
Nível de instrução												
Analfabeto.....	27,6	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	21,0	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)
Ensino fundamental incompleto.....	46,1	53,1	48,7	45,0	35,7	(3)	42,6	50,2	45,2	41,8	33,3	(3)
Ensino fundamental completo (1).....	62,3	73,5	69,7	63,6	54,0	(3)	62,1	72,3	67,9	65,0	50,6	(3)
Ensinos médio ou superior completos....	74,2	86,7	82,6	78,6	74,3	63,2	75,6	86,2	82,4	80,4	73,7	65,2
Ensino médio completo (2).....	70,5	86,4	82,3	76,0	68,9	48,7	73,4	86,4	82,1	79,7	69,2	51,6
Superior completo.....	82,4	90,0	84,9	86,7	85,4	77,8	80,7	84,3	85,0	83,4	82,4	77,4

Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (1) Inclui ensino médio incompleto; (2) Inclui ensino superior incompleto; (3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

A maior inserção no mercado de trabalho na PIA das áreas mais vulneráveis socialmente está estreitamente relacionada à entrada precoce de crianças, adolescente e jovens no mercado de trabalho, no biênio analisado. De fato pode-se concluir que quando maior a vulnerabilidade dos habitantes, maior era a proporção de pessoas de menor faixa etária na força de trabalho. No tipo regional I, onde esse fenômeno era mais intenso, 21,4% das crianças e adolescentes de 10 a 17 anos estavam pressionando o mercado de trabalho. Mesmo para os jovens de 18 a 24 anos, observava-se relação direta entre taxas de participação e índice de vulnerabilidade social. O oposto dava-se com a faixa etária relacionada à fase posterior, em geral, relacionada ao início da fase mais produtiva, entre 25 e 40 anos, uma vez que as respectivas taxas de participação eram mais elevadas nos tipos regionais de menor vulnerabilidade social, chegando a 86,4%, nas UPs de tipo V. Essas diferenças das taxas de participação por idade, entre os tipos regionais, resultaram de um processo de recrudescimento, uma vez que ao longo do período estudado, as taxas de participação entre jovens e adolescentes cresceram relativamente mais nas áreas mais vulneráveis do que nos segmentos espaciais menos sujeitos ao processo de exclusão social.

Em relação à escolaridade, a Tabela 2 mostra que a relação direta entre inserção na força de trabalho e vulnerabilidade social se verifica para todos os níveis de instrução, nos biênios analisados. Entre os indivíduos da PIA com ensino médio completo ou superior incompleto, por exemplo, a taxa de participação era de apenas 51,6% no tipo V, contra 86,4% no tipo I, nos últimos dois anos. Ao longo do período analisado, a expressiva retração da participação de segmentos menos escolarizados deu-se de forma generalizada entre todos os tipos regionais.

3.2 Desemprego

Ao longo da presente década, o crescimento de postos de trabalho, a um ritmo superior ao crescimento também acelerado da oferta de trabalho, propiciou uma quase generalizada redução do desemprego em BH (DIEESE, 2007). A taxa de desemprego total, estimada em 16,6%, no biênio final da década anterior, reduziu para 14,1% da população economicamente ativa (PEA), no período 2005-2006 (Tabela 3).

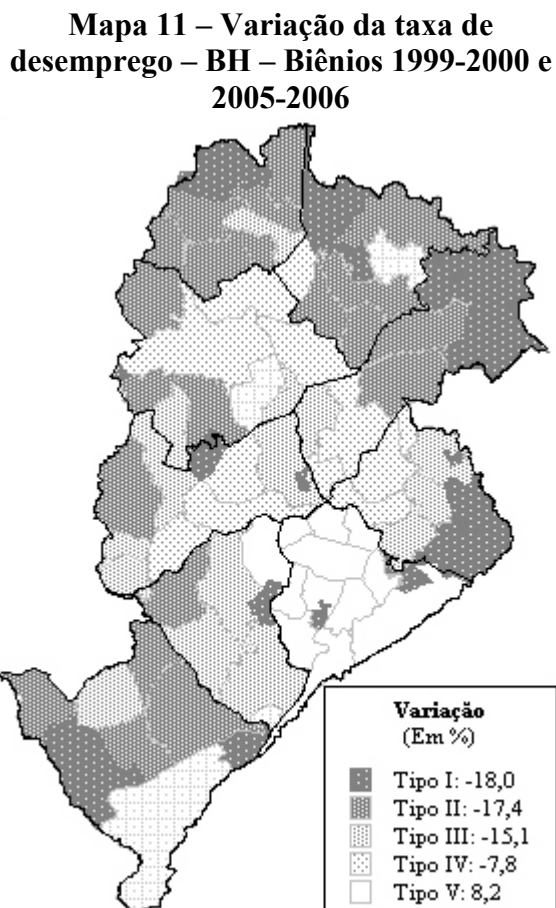
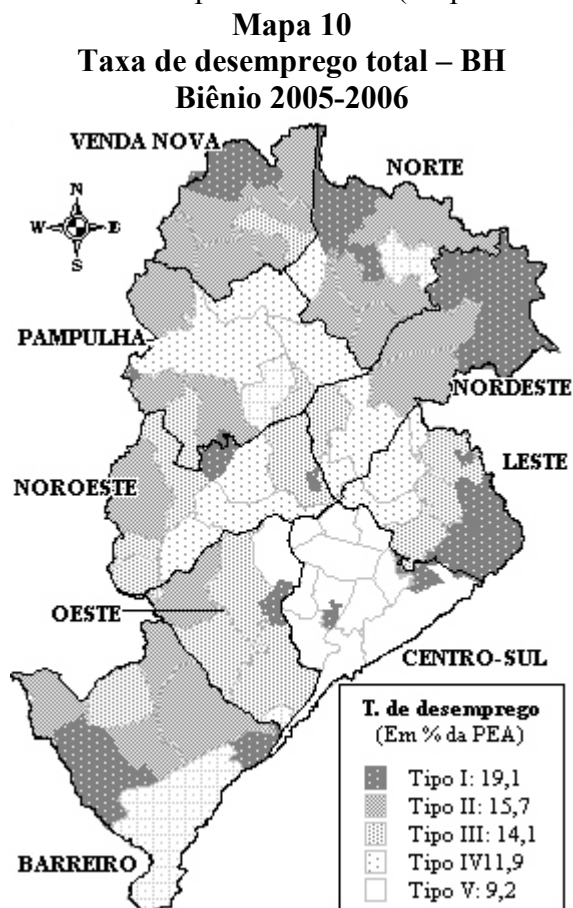
Tabela 3 - Taxas de desemprego, segundo atributos pessoais - Belo Horizonte - Biênios 1999-2000 e 2005-2006

(Em porcentagem)

ATRIBUTO PESSOAL	TIPOS REGIONAIS (CLASSES DE IVS)											
	1999-2000						2005-2006					
	Total (BH)	I	II	III	IV	V	Total (BH)	I	II	III	IV	V
Total.....	16,6	23,3	19,0	16,6	12,9	8,5	14,1	19,1	15,7	14,1	11,9	9,2
Sexo												
Homens	15,0	21,8	16,5	14,7	11,6	(1)	12,0	15,9	13,1	12,1	10,2	(1)
Mulheres	18,4	25,1	22,1	18,9	14,2	(1)	16,3	22,6	18,6	16,2	13,7	(1)
Faixa etária												
De 10 a 17 anos	45,3	50,5	46,9	(1)	(1)	(1)	50,6	(1)	48,6	(1)	(1)	(1)
De 18 a 24 anos	26,9	32,9	27,3	26,9	24,3	(1)	25,3	28,4	26,2	25,1	24,2	(1)
De 25 a 39 anos	13,4	18,0	15,4	13,3	10,5	(1)	11,4	13,6	12,1	11,6	10,1	(1)
De 40 anos e mais.....	8,8	12,8	10,8	9,7	(1)	(1)	6,7	(1)	8,2	(1)	(1)	(1)
Nível de instrução												
Até ensino fundamental (2).....	20,6	24,1	20,8	20,1	18,2	(1)	17,8	20,5	17,5	16,9	16,1	(1)
Ensino médio completo ou mais.....	11,2	18,7	14,4	11,8	9,7	8,4	11,3	15,9	13,2	11,6	10,4	8,5

Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. (2) Inclui ensino médio incompleto.

O declínio do desemprego no município praticamente se espalhou em todas as áreas do Município, com a exceção dos espaços menos vulneráveis, onde a taxa de desemprego cresceu 8,2%, ao longo da década atual. De fato, pode-se observar uma concentração espacial do movimento, na medida em que a diminuição do desemprego foi tão maior quanto mais elevada a vulnerabilidade social, chegando a reduzir 19,1% nas UPs identificadas com o tipo regional I, o que resultou na atenuação das diferenças regionais entre as taxas de desemprego, encontradas no período inicial. (Mapas 10 e 11).



Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (Ver Tabela 3).

Na análise por atributo pessoal, observou-se que o desemprego reduziu para ambos os sexos, em todos os tipos regionais com disponibilidade de informação. Entretanto, essa diminuição, de forma geral, foi mais expressiva para os homens, o que acentuou as disparidades entre os sexos, em prejuízo das mulheres, que já mantinham uma posição mais desfavorável no início do período de análise. Como resultado, enquanto os homens ostentavam taxa de desemprego de 12,0%, as mulheres, apresentavam a mesma taxa de 16,3%, no biênio 2005-2006, em BH. As diferenças entre as taxas de desemprego por sexo eram maiores nas áreas de tipo regional I, de 15,9% e 22,6%, respectivamente, para o mesmo período.

Em diversos contextos, o desemprego atual tem se apresentado de uma forma mais crônica entre os jovens. BH, no período analisado, não escapava a essa realidade e nos dois últimos anos, a PED apontou que pouco mais da metade (50,6%) dos jovens de 10 a 17 anos inseridos na força de trabalho estavam desempregados. Essa taxa recuou para a metade (25,3%) entre os jovens de 18 a 24 anos. No caso extremo oposto, colocavam-se os indivíduos de 40 anos e mais, com a mesma percentagem estimada em 6,7%. Analogamente aos movimentos do desemprego observado entre sexos, no caso do atributo de idade, constatou-se que a evolução recente acentuou as diferenças iniciais, na medida em que o desemprego

recuou expressivamente para os mais velhos, tendo, inclusive, ampliado para os mais jovens, de 10 a 17 anos. Nas UPs de tipo II, o desemprego reduziu 24,1%, para os indivíduos de 40 anos e mais, e cresceu 3,6% entre aqueles com 10 a 17 anos.

Quanto à segmentação da PEA segundo o nível de instrução, a situação do desemprego em BH é semelhante com outros casos mais freqüentemente apresentados, que apontam dificuldades maiores de encontrar emprego entre aqueles com menor nível de instrução. Nos últimos dois anos, o número de desempregados na PEA entre os indivíduos que tinham até o ensino fundamental, ou médio incompleto era expressivamente superior que a parcela de desempregados na PEA mais instruída, com pelo menos o ensino médio completo (17,8% e 11,3%, respectivamente). Essa diferença é notada em todos os tipos regionais com disponibilidade de informação.

A redução do desemprego, no decurso dessa década, ocorreu de forma mais intensa entre os indivíduos com menor nível de instrução. Tal comportamento apresenta-se, aparentemente, contraditório com as novas tendências observadas de elevação do grau de qualificação exigida para o preenchimento de novos postos de trabalho. Esse fenômeno, no entanto, pode ser explicado, de um lado, pela eliminação das possibilidades de nova inserção dos menos instruídos, o que acarreta em sua saída do mercado de trabalho, e por extensão, das estatísticas de desempregados; e por outro lado, pelo rápido crescimento da oferta de trabalho com elevado nível de instrução, não acompanhado, a contento, pela demanda de trabalho com esse perfil. Deve-se acrescentar a isso, o novo surto de crescimento de ocupações com baixa exigência de qualificação, como a construção civil. Por fim, deve-se observar, entretanto, que a expressiva redução do desemprego entre aquele com mais elevada instrução nas UPs de maior vulnerabilidade, principalmente no tipo I, o que se deve atribuir, provavelmente, à conquista de uma nova inserção na ocupação.

3.3 Ocupados

Na presente década, a PED apurou, em BH, que o expressivo crescimento da ocupação ocorreu, principalmente, pelo crescimento de assalariamento formal, uma vez que constituiu na única forma de inserção a ganhar representatividade, no decorrer dos últimos sete anos, ao passar de 52,0% dos ocupados – pela somatório de com carteira no setor privado e no setor público – para 55,1%, entre os dois biênios analisados (Tabela 4).

Nos últimos dois anos, assim como no final da década passada, os dois componentes do segmento formal dos assalariados de distribuíam de forma oposta por nível de vulnerabilidade. O assalariamento com carteira no setor privado ocupava uma parcela maior dos ocupados quanto mais vulnerável era a área, ocorrendo o oposto no caso dos assalariados no setor público. Assim, a presença de assalariados com carteira era maior no Tipo I (47,4%) – pela Tabela 1 e Mapa 12 – ao passo que a parcela de assalariados no setor público atingia o seu máximo (23,0%) no Tipo V.

Ao longo do período analisado, a ampliação da formalidade no assalariamento com carteira deu-se de forma disseminada em todos os tipos regionais, com algumas particularidades (Mapa 13). Nas UPs mais vulneráveis (tipo I), o aumento desse segmento formal, de 45,4% para 47,4% dos ocupados, deu-se concomitante à diminuição da proporção de empregados domésticos (de 15,9% para 13,2%), o que não impediu de continuar sendo as áreas de maior prevalência dessa forma de ocupação. O aumento do assalariamento com carteira, entretanto, foi maior nas áreas de menor vulnerabilidade social (tipo V), ao passar de 26,9% para 30,6%, embora esse aumento relativo tenha se dado juntamente com o aumento da presença de assalariados sem carteira e autônomos.

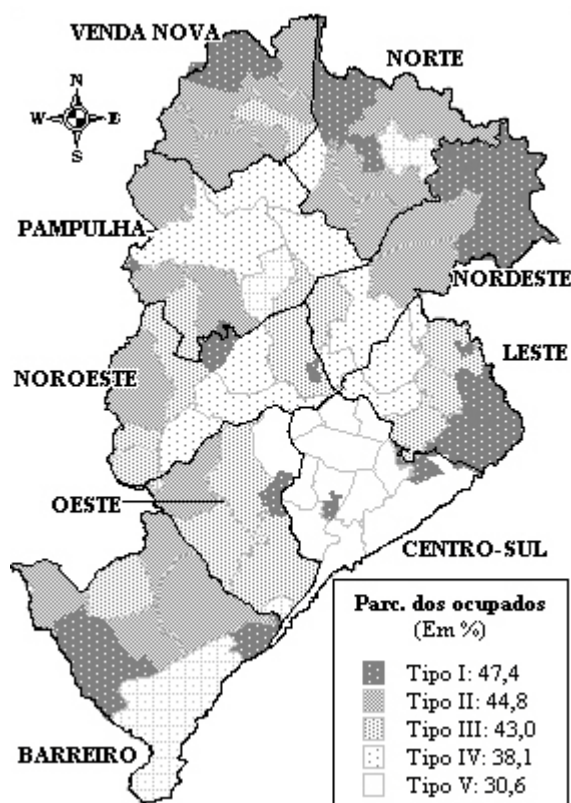
Tabela 4 - Distribuição dos ocupados, segundo posição na ocupação e setor de atividade - Belo Horizonte - Biênios 1999-2000 e 2005-2006

(Em porcentagem)

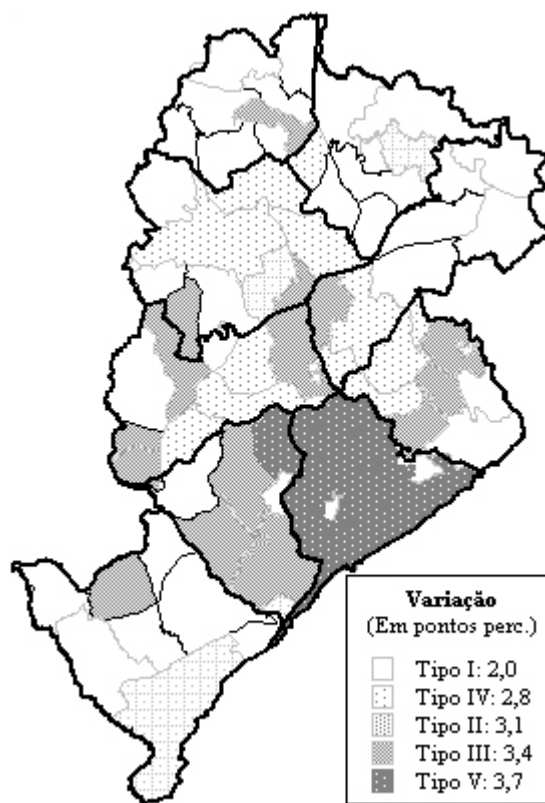
ATRIBUTO PESSOAL	TIPOS REGIONAIS (CLASSES DE IVS)											
	1999-2000						2005-2006					
	Total (BH)	I	II	III	IV	V	Total (BH)	I	II	III	IV	V
Posição na ocupação.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados set. priv. com carteira.....	38,4	45,4	41,7	39,6	35,3	26,9	41,2	47,4	44,8	43,0	38,1	30,6
Assalariados set. priv. sem carteira.....	9,5	8,9	10,8	9,9	8,7	8,2	9,3	9,2	9,5	9,1	9,2	9,4
Assalariados set. público.....	13,6	6,4	9,6	13,4	18,4	21,8	13,9	7,5	9,3	12,8	18,6	23,0
Autônomos.....	19,5	20,5	22,8	20,2	18,9	11,2	19,4	20,4	22,6	20,4	18,4	12,1
Empregador.....	5,9	(1)	3,3	5,3	7,9	13,8	5,2	(1)	2,9	4,3	7,4	11,3
Empregados domésticos.....	9,8	15,9	10,0	9,0	6,8	9,3	8,0	13,2	9,5	8,6	4,7	(1)
Demais.....	3,3	(1)	(1)	(1)	4,0	8,8	3,0	(1)	(1)	(1)	(1)	9,0
Sector de atividade.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	12,3	11,3	14,3	13,1	12,2	7,9	12,1	12,1	14,2	11,5	11,7	9,5
Construção civil.....	6,7	11,5	8,5	5,9	3,7	4,2	5,4	9,1	6,2	6,1	3,1	3,3
Comércio.....	14,7	14,6	16,2	15,3	14,9	10,4	14,9	15,3	16,4	16,8	14,0	9,7
Serviços.....	56,0	46,2	50,5	56,1	62,1	67,6	59,2	50,0	53,4	56,7	66,4	72,1
Empregados domésticos.....	9,8	15,9	10,0	9,0	6,8	9,3	8,0	13,2	9,5	8,6	4,7	(1)
Outros.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Mapa 12 – Parcela de assalariados com carteira no setor privado BH – Biênio 2005-2006



Mapa 13 – Crescimento da parcela de assalariados com carteira no setor privado BH – Biênios 1999-2000 e 2005-2006



Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH (Ver Tabela 4).

Ao longo da década de 2000, os serviços vêm se firmando como o setor mais pujante e

que abarca o maior número de ocupados em BH, chegando a absorver 59,2% do total no último biênio, ao passo que os setores da construção civil e emprego doméstico haviam perdido posição, no período de análise. O processo de desindustrialização, que foi muito acentuado na década anterior, pelos números apresentados, parece ter sido interrompido, uma vez que o nível ocupacional desse setor, assim como o do comércio, mantiveram suas respectivas participações relativamente estáveis.

Nos segmentos mais vulneráveis do município, notadamente nos tipos regionais I e II, a perda relativa de importância dos setores da construção civil e do emprego doméstico foi combinada com a ampliação da presença de ocupados nos serviços. Nas áreas mais favorecidas pelos baixos índices de vulnerabilidade social (Tipo I), o crescimento da percentagem de ocupados nos serviços veio acompanhado do crescimento na indústria, e pelo recuo da presença relativa não só da construção civil, como também do comércio.

3.4 Rendimento

Em que pese a recuperação recente de alguns dos principais indicadores do mercado de trabalho, *vis-à-vis* a dinâmica de crise na última década do século passado, o rendimento tem se mostrado uma das variáveis mais resistentes à melhora. Ao cotejar os níveis de rendimento real entre os anos finais da década de 90 e os últimos dois anos, constata-se perda quase generalizada da remuneração dos trabalhadores em BH, que na média, evoluiu de R\$ 1.063, no biênio 1999-2000, para os atuais R\$1.013 (Tabela 5). Por posição na ocupação, observou-se perdas mais intensas entre aqueles ocupados com rendimentos variáveis, como os empregadores e os autônomos. O emprego doméstico, por sua vez, foi o único setor a perceber majoração de rendimentos.

Tabela 5 - Rendimento real médio dos ocupados⁽¹⁾, segundo posição na ocupação e setor de atividade - Belo Horizonte - Biênios 1999-2000 e 2005-2006

(Em reais de novembro de 2006)

ATRIBUTO PESSOAL	TIPOS REGIONAIS (CLASSES DE IVS)											
	1999-2000						2005-2006					
	Total (BH)	I	II	III	IV	V	Total (BH)	I	II	III	IV	V
Posição na ocupação.....	1.063	532	724	983	1.414	2.080	1.013	538	689	822	1.338	1.953
Assalariados set. priv. com carteira.....	986	564	713	966	1.360	2.144	931	573	713	788	1.254	1.841
Assalariados set. priv. sem carteira.....	598	390	444	572	809	(2)	576	408	443	477	735	(2)
Assalariados set. público.....	1.795	(2)	1.183	1.524	2.037	2.758	1.746	(2)	1.165	1.407	1.976	2.541
Autônomos.....	882	552	746	862	1.077	1.633	751	444	586	663	970	1.476
Empregador.....	2.551	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	2.310	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
Empregados domésticos.....	318	302	305	302	337	(2)	344	331	324	342	359	(2)
Demais.....	2.558	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	2.246	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
Setor de atividade.....	1.063	532	724	983	1.414	2.080	1.013	538	689	822	1.338	1.953
Indústria.....	1.165	647	796	1.156	1.636	(2)	1.114	656	788	952	1.536	(2)
Construção civil.....	874	600	710	(2)	(2)	(2)	862	549	582	(2)	(2)	(2)
Comércio.....	933	537	687	846	1.223	(2)	824	529	668	709	1.086	(2)
Serviços.....	1.254	576	816	1.126	1.565	2.358	1.154	575	756	923	1.428	2.080
Empregados domésticos.....	318	302	305	302	337	(2)	344	331	324	342	359	(2)
Outros.....	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)

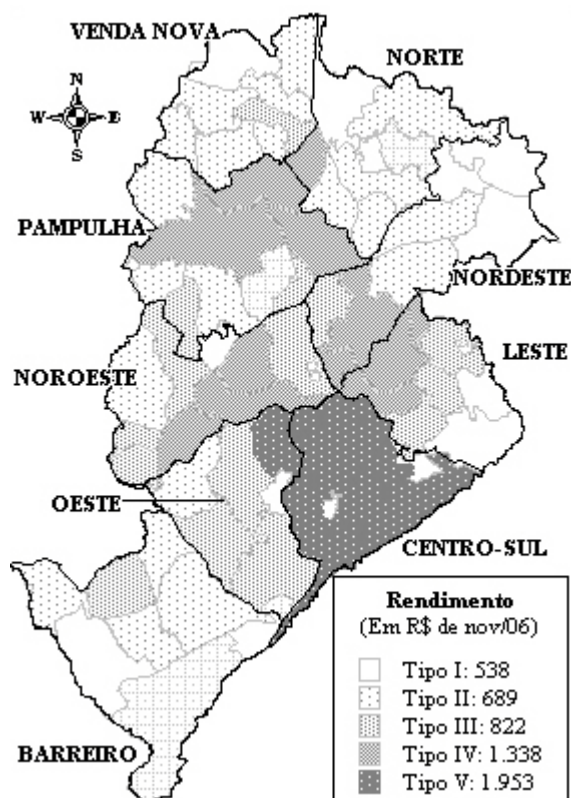
Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG.

Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH. (1) Exclui os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício. Inflator utilizado: IPCA - BH (IPEAD). (2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

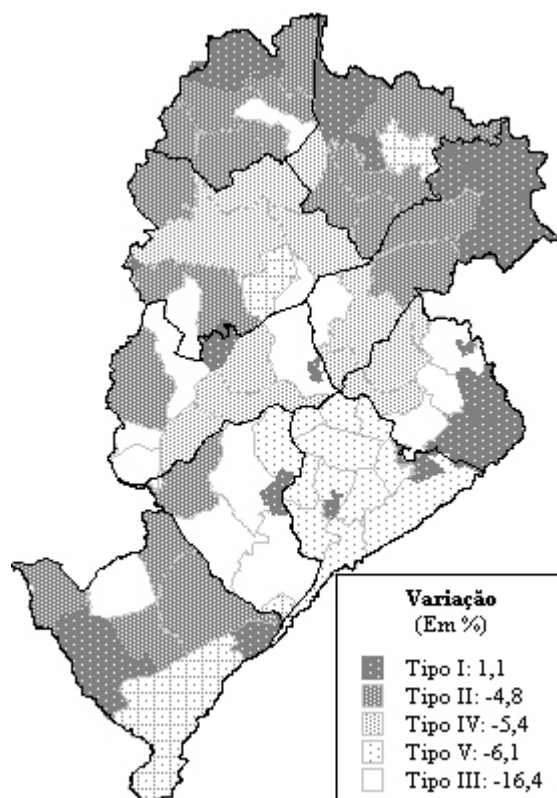
Assim como em anos anteriores, os dados da PED de 2005 e 2006 mostram uma ampla assimetria entre os rendimentos dos ocupados moradores áreas de diferentes níveis de vulnerabilidade, na medida em que o rendimento médio do Tipo V equivalia a pouco menos

que o quadruplo do rendimento dos que residiam no Tipo I (Mapa 14). Entretanto, essa amplitude era ainda mais larga no período inicial de análise e esse estreitamento das diferenças é resultado, de um lado do incremento de renda entre os ocupados do Tipo I (1,1%), e de outro lado, da perda de renda entre os do Tipo V (6,1%). Ainda na análise intramunicipal, as maiores perdas foram observadas entre os habitantes das UPs de níveis medianos de vulnerabilidade social (tipo III), ao retrair 16,4%. Lá, as diminuições mais intensas ocorreram entre os autônomos (23,1%), pela forma de inserção, e nos setores de serviços (18,0%) e indústria (17,6%).

**Mapa 14 – Rendimento dos ocupados
BH – Biênio 2005-2006**



**Mapa 15 – Variação do rendimento
BH – Biênios 1999-2000 e 2005-2006**



Fonte dos dados básicos: Fonte: Dieese/ Seade/ MTE/ FAT/ Fundação João Pinheiro/ Sine-MG. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED-RMBH (Ver Tabela 5). Inflator utilizado: IPCA-BH (IPEAD)

Considerações finais

À guisa de conclusão, pode-se constatar que grande parte da melhora dos indicadores de mercado de trabalho, ocorrida nessa década, repercutiu de forma mais intensa nos segmentos mais vulneráveis da população de Belo Horizonte, observando, inclusive a deterioração de alguns indicadores nos segmentos sociais mais protegidos do risco de exclusão social. São exemplos emblemáticos dessas transformações, a evolução da taxa de desemprego, que retraiu no Tipo I (18,0%) e se agravou no Tipo V (8,2%); e o comportamento do rendimento do trabalho, que obteve majoração no Tipo I (1,1%), e simultaneamente, retraiu entre os ocupados moradores no Tipo V (6,1%)

Em parte, a melhora do mercado de trabalho para os segmentos mais vulneráveis parece estar associada à própria mudança de perfil de seus moradores, quer pelo processo de envelhecimento, quer pelo esforço de escolarização, ou seja, pela redução da parcela dos jovens e menos instruídos, que tendiam a ter uma inserção mais precária no mercado de trabalho.

Deve-se considerar, entretanto, que a taxa de desemprego, se por um lado, evoluiu

reduzindo as diferenças apresentadas no início da década atual entre as diversas áreas do município, por outro, teve uma dinâmica de aumento das assimetrias segundo o perfil dos inseridos na força de trabalho, uma vez que a redução do desemprego beneficiou mais os homens e as pessoas de 40 anos e mais, que já apresentavam taxas menores que as mulheres e os jovens.

Na análise dos dados apresentados sobre ocupação e rendimento, deve ser ressaltada a importância dos aumentos da formalidade e do salário mínimo na proteção e crescimento do poder de compra dos menores rendimentos, que foi observado nos segmentos mais vulneráveis da população de Belo Horizonte. Tais fatores provavelmente devem constituir as condicionantes que corroboraram a recente desconcentração de renda, ao menos, nos espaços das grandes regiões metropolitanas brasileiras.

Referências bibliográficas

- CHAHAD, José P. Z. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: SEADE. 17(3-4), 2003, p. 205-217.
- DIEESE. **Boletim Pesquisa de Emprego e Desemprego no município de Belo Horizonte**: Resultados do ano de 2006. Belo Horizonte: DIEESE, 2007.
- DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- MACHADO, Carlos Wagner. **A inserção dos moradores de Belo Horizonte no mercado de trabalho a partir das regiões e dos tipos regionais**. In: Revista Pensar BH – Política Social, ano 1, n. 3. Dez. 2002. p. 13-25.
- MAPA da Exclusão Social em Belo Horizonte. In: Revista Planejar BH. Belo Horizonte: PBH. Ano 2, n. 8. Ago. 2000. p. 5-14.
- MORETTO, Amilton; KREIN, José D. O crescimento da formalização do emprego: Como explicá-la? In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2005, Recife-PE. **Anais...** 2005.
- RAMOS, Carlos A. O emprego nos anos 1990: O regime macroeconômico importa?. In: **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. Nº 22. Rio de Janeiro: IPEA. Novembro de 2003. p. 11-14.
- RODARTE, Mario M. S.; BRAGA, Thaiz S. Tendências recentes do mercado de trabalho no Brasil a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego(PED). In: DIEESE. (Org.). **O trabalho no setor terciário: emprego e desenvolvimento tecnológico**. Campinas e São Paulo, 2005, v. 8.